

## A CRISE E OS MILHÕES

por Mário Soares

A crise aprofunda-se e generaliza-se. Os Estados desviam milhões, que vêm directamente dos bolsos dos contribuintes, para evitar as falências de bancos mal geridos ou que se meteram em escandalosas negociatas. Será necessário. Mas o Povo pergunta: e as roubalheiras, ficam impunes? E o sistema que as permitiu - os paraísos fiscais - os chorudos vencimentos (multimilionários) de gestores incompetentes e pouco sérios, ficam na mesma? E os auditores que fecharam os olhos - ou não os abriram suficientemente - e os dirigentes políticos que se acomodaram ao sistema, não agiram e nem sequer alertaram, continuam nos mesmos lugares cimeiros, limitando-se a pedir, agora, mais intervenções do Estado, com a mesma desfaçatez com que antes reclamavam "menos Estado" e mais e mais privatizações?

Pedem-se e pediram-se sacrifícios para cumprir as metas do deficit, impostas por Bruxelas. Mas, ao mesmo tempo, os multimilionários engordaram - os mesmos que agora emagreceram na roleta russa das economias de casino - e os responsáveis políticos (os mesmos, por quase toda a Europa) não pensam em mudar o paradigma ou não anunciam essa intenção e não explicam sequer aos eleitores comuns, os eternos sacrificados, como vão gastar o dinheiro que utilizam para salvar os bancos e as grandes empresas da falência, aparentemente deixando tudo na mesma? E querem depois o voto desses mesmos eleitores, sem os informar seriamente nem esclarecer? É demais! É sabido: quem semeia ventos colhe tempestades...

Nas ruas e Universidades da Grécia, há vários dias, os estudantes manifestam-se violentamente, atiram pedras contra a polícia, incendeiam automóveis, provocam distúrbios. Indignação ou houve o pretexto de a Polícia ter morto um estudante? Não são, contudo, jovens marginais, filhos de imigrantes, habitantes de bairros problemáticos, como sucedeu, há meses, em França. São filhos da burguesia que está a ser muito afectada com a crise.

A França foi a primeira a inquietar-se. Com razão. Quando há uma crise latente, que fere em consciência as classes médias, qualquer pretexto serve para gerar a revolta. Maio de 68 foi assim. De Gaulle, que era o De Gaulle, desapareceu e esteve dois dias, na Alemanha a ouvir as forças militares de ocupação ali estacionadas.

A Espanha também tem motivos de preocupação: a subida em flecha do desemprego, o mal estar social latente, que sucedeu a um período de grande crescimento, a bolha do imobiliário, que rebentou como era previsível, as tensões crescente entre algumas autonomias e o centralismo de Madrid.

Portugal, também não deve ficar indiferente. Com as desigualdades sociais, sempre a crescer, o aumento do desemprego que previsivelmente vai subir imenso, em 2009, a impunidade dos banqueiros delinquentes, o bloqueio na Justiça, e em especial, do Ministério Público e das Polícias, estão a criar um clima de desconfiança - e de revolta - que não auguram nada de bom. Oiçam-se as pessoas na rua, tome-se o pulso do que se passa nas Universidades, nos bairros populares, nos transportes públicos, no pequeno comércio, nas fábricas e empresas que ameaçam falir, por toda a parte do País, e compreender-se-á que estamos perante um ingrediente, que tem demasiadas componentes prestes a explodir. Acrescenta-se o radicalismo das Oposições, à Esquerda e à Direita, que apostam na política do "quanto pior melhor". Perigosíssima, quando não se apresentam alternativas credíveis...

França, Espanha, Portugal e outros Estados membros não são a Grécia, é verdade. Cada país é um caso. Mas a União Europeia não está a ajudar nada. O Plano aprovado na última Cimeira não passa de um paliativo: injectar dinheiro nos Bancos e nas grandes empresas, para que tudo - de essencial - possa ficar na mesma. Sem ter em conta o grande descontentamento e a grande desconfiança, que os provocam, sem esclarecer satisfatoriamente as opiniões públicas, sem transparência, sem uma visão estratégica, coerente e concertada dos 27 Estados quanto ao que é necessário fazer, para assegurar a mudança.

Nesse aspecto, a nova América de Obama, está bem melhor do que a União Europeia. Além do mais, porque na América o pessoal político está a mudar. E na Europa, continuam as mesmas caras, insusceptíveis de entusiasmar seja quem for...

Na Cimeira de Bruxelas do último fim de semana, deu-se, no entanto, um passo útil em matéria ecológica. A União comprometeu-se, conjuntamente, a reduzir as emissões de gás de efeito de estufa em 20% até 2020, em relação ao nível de 1990. A aumentar o nível das energias renováveis até 20% do consumo e, assim, a realizar 20% das economias de energia. Foi o progresso anunciado, com a certeza - diga-se - de que seria acompanhado pela nova América de Obama, o que ajudou muito. Al Gore, que ganhou o Nobel com o livro e o filme "Uma verdade inconveniente", corroborou taxativamente este sentimento, no recente discurso que fez na Conferência da ONU em Poznan, Polónia.

Oceano, o nosso Futuro. No encontro que acaba de ter lugar em Lisboa, no Oceanário, para celebrar o 10º aniversário do Relatório "O Oceano, nosso Futuro", que a "Comissão Mundial Independente para os Oceanos" apresentou na EXPO, em Lisboa, no Ano Internacional do Oceano, 1998, e foi ulteriormente submetido à Assembleia Geral da ONU, as propostas então formuladas foram reavaliadas por uma Comissão de personalidades de reputação mundial. Pôs-se em evidência o que se conseguiu progredir, o que ficou em "águas paradas", identificando-se o que falta realizar prioritariamente.

Foi uma reunião muito oportuna de reflexão sobre o Relatório, e cujos principais organizadores foram Mário Ruivo, conhecido especialista português em assuntos do Oceano e o especialista francês, Jean-Pierre Levy, conjuntamente com o chileno Patrício Bernal. O Relatório está traduzido em 13 línguas e é hoje considerado um texto de referência. Para além de personalidades e entidades portuguesas participaram, entre outros, Federico Mayor Zaragoza, antigo Director Geral da UNESCO, José Luís Jesus, Presidente do Tribunal Internacional do Direito do Mar (Cabo Verde), Biliana Cicin-Sain (USA), Lorraine Ridgeway (Canada), Luís Filipe Macedo Soares (Brasil), Haiqing Li (China), Chua Thien-Eng (Malásia), Sidney Holt (Reino Unido), Peter Bridgewater (Austrália), Alexander Yankov (Bulgária), Salvino Busuttil (Malta), Peter Haas (USA), Makram Gerges (Egipto) Cherif Sammari (Tunísia), Awni Behnan (IOI). O antigo Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, na impossibilidade de estar presente, mandou uma mensagem que foi lida e muito aplaudida. O mesmo fez o Primeiro Ministro português, José Sócrates, que, estando a participar na Cimeira de Bruxelas, nos enviou as suas palavras e se fez representar pelo Ministro da Defesa, Severiano Teixeira. Esteve presente ainda e proferiu um discurso, de grande actualidade e interesse, o Alto Comissário para os Assuntos do Mar de França, Jean-François Tallec, Organização directamente sob a égide do Primeiro Ministro de França, país que neste momento assegura a presidência da União Europeia.

Em suma, tratou-se de uma reunião que visa actualizar e promover uma estratégia global para uma governação responsável do Mar, de vital importância e actualidade, que muito beneficiaria se conseguir finalmente mobilizar apoios e lançar em Lisboa um Observatório Independente Mundial para os Assuntos do Oceano. Oxalá as promessas se cumpram e se possa começar a trabalhar o mais cedo possível, passando das palavras à acção. O momento é propício...

Lisboa 16 de Dezembro de 2008